



VISEU

DEUS, O DIABO
E OS
SUPER-HERÓIS
NO PAÍS DA CORRUPÇÃO

FERNANDO FONTANA

Editor

Thiago Domingues

Projeto Gráfico e Editorial

Rodrigo Rodrigues

Revisão

Florence Manoel

Copidesque

Jade Coelho

Capa

Tiago Shima

Copyright © Viseu

Todos os direitos desta edição são reservados à

Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882 - Cj 1007

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: contato@editoraviseu.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Fontana, Fernando

Deus, o Diabo e os Super-heróis no país da corrupção / Fernando Fontana – Maringá: Viseu, 2018.

ISBN 978-85-5454-376-1

1. Ficção 2. Suspense 3. Heróis

I. Fontana, Fernando II. Título.

82-3

CDD-B869

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Ficção: Literatura brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

Introdução

João acordou assustado, o alarme do celular deveria tê-lo acordado, estava tão exausto que mal conseguiu ouvi-lo; como tantos outros jovens de sua idade, trabalha durante o dia e estuda durante a noite, cursa o último ano de sociologia e precisa entregar a versão final do seu Trabalho de Conclusão de Curso. Leu páginas sem fim sobre a modernidade líquida e a obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, o sono virou um luxo, as noites em claro um hábito e o café um amigo inseparável.

Lavou o rosto, escovou os dentes, vestiu-se, jogou o cereal que ainda restava na caixa em uma tigela e molhou com um tanto de leite frio, comeu o mais rápido que pôde e saiu apressado. Precisava abrir a banca de jornais, fazer algum dinheiro, os boletos não param, o ritual de iniciação para a vida adulta é o pagamento do primeiro boleto, Bauman certamente não iria paga-los e a última coisa que pretendia fazer era pedir dinheiro emprestado para o seu pai.

Quando disse ao velho que tinha intenção de cursar sociologia ouviu como resposta: “Isso não serve pra nada, conversa fiada não dá dinheiro, se não quer morrer de fome vá aprender a mexer com computadores, hoje em dia não se faz mais nada sem um computador.”

Havia uma espécie de sabedoria cruel no conselho, em uma sociedade cada vez menos humana, as ciências humanas andavam desvalorizadas. Os computadores provavelmente vão mandar na porra toda, mas acontece que a frieza das máquinas e dos números não lhe despertavam o interesse, gostava é de pessoas e de decifrá-las, computadores não têm alma.

Seu pai era e continuava a ser um homem prático, avesso a sonhos e de pouca imaginação, quando a esposa, ainda grávida, lhe perguntou que nome deveriam dar à criança, não demorou muito para responder: se for menino se chamará João, se for menina será Maria.

A mãe não era de discutir, além disso gostou da simplicidade, nada de modismos ou estrangeirismos, o nome não importava, o filho se encarregaria de lhe dar o significado, há quem tenha recebido o nome de Jesus e

seja devasso até os ossos, e quem se chame Judas, mas jamais traiu aos seus. Aceitou e assim foi, dos pais João herdou apenas o sobrenome, que somado ao nome não poderia resultar em conjunto mais comum: João Silva.

João Silva não é belo ou feio a ponto de chamar a atenção, não é aluno de receber elogios por ter as melhores notas da classe, ou de causar preocupação por ter as piores, não possui grandes talentos ou grandes defeitos, tem passado despercebido na multidão.

Abre sua banca, em seu interior observa as primeiras páginas dos jornais e as capas das revistas, em sua grande maioria são dominadas por dois assuntos, corrupção e super-humanos.

O primeiro deles é uma tradição, uma instituição nacional, um hábito passado de geração em geração, um parasita entranhado na carne do país, drenando sua força vital dia após dia. O segundo é muito mais recente, até alguns meses atrás não passava de ficção, invenção, coisa de quadrinhos e efeitos especiais.

“Você vai acreditar que um homem pode voar”, é o título que, parafraseando o slogan do filme de Christopher Reeve, estampa uma das revistas semanais mais vendidas. João pertence aos que querem acreditar, mas mesmo ele, com toda sua imensa disposição para enterrar o ceticismo, encontrou dificuldade em aceitar a loucura que tomou de assalto o planeta.

É o que se fala na internet, na televisão e nas conversas dos bares e botequins, há, é claro, quem diga com certeza absoluta, pleonasma aqui necessário para reforçar o tamanho da convicção dessa gente, que tudo não passa de uma bobagem, um truque de câmera facilmente perceptível, golpe publicitário ou ação de marketing, o homem jamais pisou na lua e os super-humanos não existem!

Uma farsa poderia alcançar tamanha dimensão? João nunca viu um destes super-humanos, já assistiu pela TV um homem correr mais rápido do que a velocidade do som e uma mulher erguer pesos de academia utilizando apenas o poder da mente, mas ver de perto, ao vivo e em cores, ele nunca viu.

A banca está localizada na praça central de sua pequena cidade, dividindo o espaço com a igreja matriz, onde agora rezam uma missa de sétimo dia por um agricultor que morreu assassinado a tiros. João não o conhecia, mas dizem que era pessoa honesta e generosa, o delegado afirma

que foi assalto, embora corra o boato de que foi disputa de terras.

Os jornais, as revistas e os livros de bolso estão à espera dos poucos obstinados que ainda preferem ler a notícia no papel, ao invés de uma tela de computador. O dia está quente e ensolarado, mal se acha uma nuvem no céu, um garoto entra e pergunta sobre a nova revista da Liga da Justiça, quer saber se já chegou. João sorri, por se tratar de freguês dos mais fiéis ele já separou o exemplar em que os heróis salvam o mundo de uma invasão alienígena.

Em um mundo com super-heróis – ele pensa - ou o agricultor teria sido salvo, ou pelo menos haveria justiça, e os criminosos estariam presos, no mundo em que vivemos nem um e nem outro, é um mundo onde o mal e o sofrimento parecem ser a regra.

Ele abre o jornal, há uma reportagem com a opinião do Vaticano sobre os recentes acontecimentos; sob a foto do Papa, considerado por muitos um dos mais carismáticos de todos os tempos, está o título: Papa diz que super-humanos são obra de Deus.

O título tem por objetivo chamar a atenção, o Santo Padre soube ser cauteloso, disse ser cedo para afirmar, já que todo e qualquer milagre deve ter sua autenticidade averiguada com muita atenção, e cada um dos super-humanos não poderia ser chamado de outra coisa senão milagre. Uma vez que a ciência prove serem eles verdadeiros e se mostre incapaz de explicá-los, e como é bem sabido por todos com um mínimo de conhecimento em questões religiosas, não é possível que caia uma única folha de árvore sem que Deus assim o permita, a conclusão não poderia ser outra, senão a de que as portas para o sobrenatural foram abertas, certamente para o bem de toda a humanidade, posto que este é o único desejo de nosso Criador.

Entre os repórteres presentes, um teve a sagacidade de perguntar: - Vossa Santidade não pensa que possa ser obra do demônio?

Não – respondeu de imediato o Papa – ao demônio é permitido apenas nos tentar com o caminho do mal – trabalho que anda desempenhando com maestria, o Santo Padre deixou de acrescentar - as leis ancestrais que regem o mundo só podem ser alteradas por quem as criou, ou seja, Deus!

Se até o Papa cogita a possibilidade disso ser real, então é bem possível que seja – João falou em voz alta para si mesmo, sem que houvesse alguém

para taxa-lo de louco por falar sozinho – e se for real nada mais será como era antes, não importa como, ou de que forma eles surgiram, este país e o mundo nunca mais serão os mesmos.

Suas reflexões foram interrompidas pelo som de um trovão, e ao olhar para fora percebeu que, de uma hora para a outra, o Sol que antes brilhava forte, agora estava encoberto por nuvens carregadas, acompanhadas de uma forte ventania que ameaçava levar para longe algumas das publicações que se encontravam expostas em cavaletes do lado de fora da banca.

Levantou-se para tomar alguma providência, sem compreender como o tempo poderia ter mudado tão rapidamente, grossas gotas de chuva o atingiram assim que colocou os pés para fora, o vento o obrigou a proteger os olhos da poeira que subia do chão da praça, mesmo assim conseguiu ver, dezenas de metros acima do solo e da igreja, como uma divindade em meio ao brilho de muitos relâmpagos, uma jovem de vestido preto e cabelos ruivos esvoaçantes.

A chuva se converteu em tempestade e as pessoas começaram a fugir da igreja e correr para longe, algumas esbarrando em João, que sequer notou as revistas que foram ao chão e voaram pelos ares, começou a caminhar lentamente na direção da mulher, enfrentando o vento e sem se importar com a gritaria generalizada. Ninguém notou as lágrimas que escorriam pela sua face ou conseguiu ouvir sua voz: - É a coisa mais linda que eu já vi!

Foram suas últimas palavras. Em uma fração de segundo um relâmpago cortou o céu e o atingiu em cheio, sua pele e vasos sanguíneos queimaram, os tímpanos estouraram e o coração parou, desabou no chão com roupas e cabelos queimados, estava morto!

Quando a mulher partiu, a tempestade cessou e a ajuda chegou, já não havia nada a ser feito, sobre o seu corpo encharcado estava uma das revistas que foram levadas pela ventania, mas não uma com Super-heróis coloridos, e sim uma com notícias em tons bem mais sombrios, na capa a foto do senador Cláudio Junqueira, líder do governo no senado e um dos políticos mais influentes do país, com o título: Senado reverte afastamento de Junqueira e senador reassume se dizendo vítima de conspiração.

Na tarde do dia seguinte, durante o velório, o pai, inconsolável, chorou pela primeira vez em muito tempo, dizia para quem quer que lhe viesse abraçar e dar os pêsames: - O meu filho ia ser alguém!